

A experiência cotidiana dos indivíduos em redes sociais na Internet

Sandra HENRIQUES¹

Resumo

Este artigo tem como proposta observar as experiências cotidianas do mundo da vida dos indivíduos em redes sociais na internet. Nossa reflexão parte das mudanças sofridas nas relações sociais com o advento da internet e como estas foram se desenvolvendo em nossa sociedade atual. Posteriormente fazemos uma revisão de alguns conceitos sobre as experiências dos indivíduos observadas a partir dos fenômenos cotidianos. Por fim, utilizamos como estudo o microblog Twitter para observarmos como se apresentam as experiências cotidianas em redes sociais desenvolvidas no ciberespaço.

Palavras-chave: Redes sociais. Experiência cotidiana. Fenomenologia. Twitter.

Introdução

A partir da segunda metade do século XX as tecnologias da informação entraram num processo rápido e constante de aperfeiçoamento. O que na década de 50 começou com o desenvolvimento da informática e da cibernética, 40 anos depois se transformou em uma rede mundial de computadores interligados por todo o planeta. Assim, com o surgimento da web, as possibilidades de uma maior aproximação entre os sujeitos vêm estimulando a interação social e a interferência destes naquilo que é produzido no ciberespaço. Este novo contexto mistura-se ao nosso ambiente social quase que de maneira imperceptível.

Através do rápido progresso tecnológico surgem novas formas de socialidade que são proporcionadas e difundidas através de redes estabelecidas pelos meios digitais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Bolsista de Doutorado FAPERGS/CAPES. E-mail: henrisandra@gmail.com

Novas concepções sociais estão sendo construídas, revelando particularidades que são características da emergência que a sociedade atual tem em interferir no processo comunicacional. Neste sentido, pode-se observar que as formas dos indivíduos interagirem é alterada pelo desenvolvimento da internet e da web e pela potencialidade na qual esta última possui na ampliação do contato entre os indivíduos. Com sua descoberta, as referências de espaço-tempo que determinavam territorialmente o processo de comunicação entre os sujeitos foram sendo caracterizadas pela possibilidade de uma interação virtual mediada pelo computador.

Neste trabalho, buscamos observar como as experiências do mundo da vida cotidiana dos indivíduos estão sendo desenvolvidas em redes sociais na internet. Nossa proposta parte da compreensão de como as novas tecnologias vêm modificando as formas de interação social, bem como, vêm alterando o sentido de intimidade dos sujeitos com a possibilidade de publicação de suas experiências individuais em páginas de redes sociais. Como proposta de observação, utilizaremos o microblog Twitter, para podermos exemplificar algumas situações que salientam os aspectos da inserção das experiências dos indivíduos nos espaços públicos no ciberespaço e na construção de um processo interativo mediado pelo computador.

As novas tecnologias como potencializadoras das relações humanas

Procurar compreender como os indivíduos se manifestam individualmente e coletivamente, faz parte das indagações sociais. Na sociedade atual, a qual o ciberespaço é o lugar comum de interação de milhares de pessoas no mundo inteiro, novas formas de relações sociais vão sendo construídas diariamente. Diante deste contexto, da sociedade em Rede (CASTELLS, 2006), é possível perceber que a ampliação das tecnologias foi fator determinante para a potencialização da comunicação entre os sujeitos, que passam cada vez mais a interagirem entre si através de mediação de computadores e tecnologias de acesso à internet sem fio (telefones celulares, *tablets*, *Wi-Fi*), formando redes sociais cada vez mais potencializadas e desterritorializadas. Estas redes são observadas na relação entre atores (pessoas, instituições e grupos) e suas conexões (nós), tratando-se de uma abordagem focada nas estruturas sociais

(RECUERO, 2009). Para compreendermos os impactos dessa interação e a formação de redes sociais, inicialmente é necessário observar os aspectos do indivíduo enquanto ser humano e enquanto ser social.

Enquanto ser humano, o sujeito possui características referentes aos seus próprios sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de algum modo deveria decidir com segurança interna entre suas diversas possibilidades de comportamentos. Já enquanto ser social, a determinação de regras e as orientações de ação dos grupos sociais seria caracterizada por uma “lei natural” que impulsiona as relações entre os indivíduos (SIMMEL, 2006) que a manifestam através de símbolos, o que para Schutz (1979) é a “concepção relativamente natural do mundo comum”².

Os agrupamentos são repletos de significados que são apropriados pelos indivíduos, e estes também os produzem auxiliando na construção dos grupos. A representação deste indivíduo perante o grupo possui uma diferenciação referente ao aspecto objetivo e subjetivo de seu papel na sociedade. Para Schutz (1979) o aspecto objetivo está relacionado à expectativa que os outros possuem em relação ao papel social desempenhado por cada integrante; Subjetivamente a relação que o indivíduo faz perante sua função social é diferenciada, ele a interpreta, define internamente sua situação diante de um papel social.

Podemos compreender desta forma que cada agrupamento se forma a partir de um contexto que une os sujeitos a partir de determinados interesses, que são compartilhados pelo grupo. Cada indivíduo em sociedade participa de mais de uma rede social, com características diferenciadas de acordo com as personalidades dos membros.

No ciberespaço, estas redes são ampliadas devido à potencialidade da interação mediada pelo computador, o que determina que uma organização social diferenciada seja realizada entre os internautas. Destas organizações surgem as comunidades virtuais. Segundo Rheingold (1993), as comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede (Web), quando os intervenientes de um debate o levam a diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço. Estas

² Para Schutz a concepção relativamente natural do mundo está associada a uma situação comum repleta de tipificações e relevâncias que possuem um significado comum para os membros de um grupo.

novas formas de agregações se apoiam em *softwares* (*blogs*, fóruns, *chat's* e sites de relacionamentos) que permitem a construção e consolidação das interações. As comunidades virtuais podem explicar como se processam as redes sociais na Internet, através de seu potencial de interação.

A interação mediada pelo computador faz-se cada vez mais presente nas sociedades. Para Recuero (2006, p. 4) “é possível desconectar-se da presença física como empecilho da sociabilidade e reconectar-se aos demais unicamente através da interação mediada pelo computador”. Estas interações passam a ser realizadas no ciberespaço, podendo gerar comunidades virtuais. Neste caso, é necessário compreender como ocorrem estas relações, o que leva os indivíduos a interagirem entre si por um tempo indeterminado, a ponto de formar comunidades virtuais que reproduzem significados que se propagam entre os indivíduos gerando redes sociais.

A essência das redes sociais e a experiência cotidiana dos indivíduos

Diante do contexto das redes sociais potencializadas pelas novas tecnologias, iremos observar aspectos das relações humanas pós-modernas a partir da fenomenologia, uma metaciência que se propõe a estudar os fenômenos sociais a partir de sua essência, sem passar pelos filtros culturais (JORON, 2009).

A pessoa nasce num mundo que existia antes de seu nascimento e que, logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas também um mundo sócio-cultural. Esse último é um mundo pré-constituído e pré-organizado, cuja estrutura especial é resultado de um processo histórico e diferente, portanto em cada cultura e sociedade (SCHUTZ, 1979, p. 79).

Nesse sentido apontado por Schutz, podemos compreender que as relações sociais constroem-se também através de aspectos relacionados à cultura na qual estas estão inseridas. Porém, o que nos cabe neste trabalho é observar como a essência do indivíduo enquanto ser humano é fator fundamental para a construção de laços sociais entre os grupos. Em nossa sociedade atual, valorizamos mais o cotidiano do que a racionalidade das questões que podem ser comprovadas cientificamente. Atualmente o que une os indivíduos são as vontades humanas, há a exaltação do individualismo, mas

sem deixar de lado uma forma de solidariedade voltada às emergências dos outros indivíduos.

As relações sociais são mais efêmeras e inconstantes, mas o desejo de construção dos laços sociais permanece e é constantemente potencializada pelas novas tecnologias. Os vínculos sociais se renovam a cada dia a partir de elementos minimalistas que envolvem e constroem o cimento social. O coletivismo se manifesta através da sinceridade sucessiva, da vivência do aqui - agora, desenhando os contornos, os enquadramentos da vida social.

O homem hoje é mais livre, independente, autônomo e crítico em relação às instituições o que cercam. O conhecimento está também naquilo que vivemos no dia-a-dia, como o frívolo, a emoção e a aparência. A observação dos fenômenos cotidianos por parte dos indivíduos permite que estes questionem sua cultura, seus modos de apreensão do sentido das coisas e o faz repensar sua existência no mundo.

As novas tecnologias potencializam esta relação de liberdade cultural, necessária para o âmago da fenomenologia, pois os processos de interação social são ampliados, bem como o sentido das ações individuais, segundo Schutz:

O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós. (1979, p. 159)

Na interação mediada pelo computador, o objeto se torna parte do sujeito, e o sujeito se torna parte do objeto, havendo uma total sintonia entre eles, e, como um dos produtos desta relação, estão as redes sociais enraizadas neste processo. É a alteridade que começa na relação com o outro, e que tem como potencializador a mediação da tecnologia.

Como os fatos sociais são vitais, carregados de experiências, as redes sociais abarcam uma mistura de conhecimentos elaborados pelos indivíduos em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo. Os significados gerados nas redes sociais são dados pelas experiências dos indivíduos sobre determinado fato ou objeto ao qual se relacionam.

Na fenomenologia proposta por Schutz (1979), cada indivíduo constrói o seu próprio mundo a partir das experiências que vivencia, e é por este viés que podemos entender os processos fenomenológicos. Para ele “o mundo da vida é um mundo social, que, por sua vez, é preestruturado para o indivíduo” (p. 17). No mundo social, através da cultura, são dadas ao indivíduo interpretações, fenômenos e relacionamentos, o que muitas vezes podem o impedir de realizar uma observação subjetiva acerca de determinado contexto. Assim, segundo Schutz, as vivências cotidianas são pontos fundamentais para que seja possível observar os fenômenos que ocorrem com os sujeitos.

O mundo da vida cotidiana é a cena, e também o objeto de nossas ações e interações. Temos de dominá-lo e modificá-lo de forma a realizar os propósitos que buscamos dentro dele, entre nossos semelhantes. Assim, trabalhamos e operamos não só dentro do, mas também sobre o mundo (SCHUTZ, 1979, p. 73).

Trazendo as observações de Schutz para o contexto das relações pós-modernas, podemos compreender que a valorização do senso comum, do cotidiano e das vivências nos mostra que um dos grandes fenômenos de nossa sociedade atual são as novas tribos que se agrupam por empatia. Nestas redes, o sujeito é o ponto de referência obrigatório, e o conhecimento que se origina nestas relações se caracteriza tratando menos do objeto, que determina a maneira, e mais da intenção que move as pessoas. É a “sociologia do lado de dentro”, como propõe Maffesoli (2007, p. 31). É o pensar o ser como um todo, situado num plano interno, manifestando uma visão de dentro, uma intuição, que não deve ser motivo de abstração, mas que faz parte daquilo que ele vive e descreve no seu cotidiano individual e em grupo.

Compreender o que sentem e como vivem os indivíduos é o objeto da fenomenologia sociológica (JORON, 2009), a qual nos apoiamos para construção deste trabalho. E dessa forma podemos enfatizar que as relações ocorridas em redes sociais na internet são processos de socialidade, na qual os sujeitos se agregam de forma espontânea e por afinidades, não por uma relação formada por regras e instituições.

Durante o processo de socialização, os sujeitos buscam uma forma de interação, que envolva elementos que levem a troca de ideias e contextos vividos. Os

laços sociais se constroem a partir das conexões que se fazem perante aquilo que os sujeitos possuem em comum. Para Maffesoli (2000), é a “força da atração” daqueles que pensam e sentem como o outro, é ela quem faz com que a interação ocorra entre aqueles que têm os mesmos interesses e vontades “a ligação entre a emoção compartilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas, bem sólido” (MAFFESOLI, 2000, p. 18). O laço social é algo que está relacionado a uma questão de estar junto, de troca, de pertencer ao grupo. Pode-se avaliar que há uma relação de prazer no contato com o outro.

Estes laços podem ressaltar uma compreensão de um indivíduo em relação ao próximo, um entendimento da experiência que um sujeito social tem do outro. São os atos intencionais dirigidos para uma pessoa ou para o objeto que o cerca, e destes atos o resultado deve ser a interação entre os sujeitos, uma compreensão do outro e dos significados que são trocados nesta relação.

O homem no estado natural, então, compreende o mundo através da interpretação de suas próprias experiências dele, sejam elas experiências de coisas inanimadas, de animais ou de seres humanos, seus semelhantes. E assim, nosso conceito inicial de compreensão do outro eu é simplesmente: “a nossa explicação das experiências que vivemos dos seres humanos, nossos semelhantes, como tais”. O fato de que o Tu que me confronta é uma pessoa, um semelhante, e não uma sombra numa tela de cinema – noutras palavras, que ela tem duração e consciência – é uma coisa que descubro ao explicar as minhas próprias experiências dele. (SCHUTZ, 1979, p. 165)

A interação entre os indivíduos está carregada das experiências vividas por ambos. Estas são orientadas por um sistema de relevância, buscado pelo indivíduo durante suas ações cotidianas e também no momento da interação com outro, nos quais os seus atos são baseados em estruturas relevantes para os sujeitos (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973). Este sistema de relevância orienta as ações dos indivíduos no contexto da vida cotidiana, nas quais estes resgatam as experiências passadas para projetar as ações futuras, formulando hipóteses para estas, a partir da busca do conhecimento gerado em ações anteriores, interpretando e utilizando este conhecimento para determinadas situações.

Assim como no dia-a-dia cotidiano do sujeito nas interações face a face com os outros, nas relações mediadas pelo computador em um processo interativo em redes sociais na internet esse processo ocorre da mesma forma. O indivíduo também busca suas experiências para se comunicar com o outro, formando laços sociais a partir de relacionamentos gerados por um interesse em comum. A situação interativa determina quais os tipos de experiência, de conhecimento, os indivíduos irão expor durante a interação. Estas experiências fazem parte do mundo da vida dos sujeitos.

O mundo da vida é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos. (WAGNER, 1979, p. 16)

O mundo da vida cotidiana é uma realidade constituída, é preciso tomar como dados os fenômenos particulares que surgem dentro dela. A realidade da vida cotidiana é presença imperiosa na consciência do indivíduo, estando organizada em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente. Para Luckmann e Berger (2001) é o *realissimum* de minha consciência.

Experimento a vida cotidiana no estado de total vigília. Este estado de total vigília de existir na realidade da vida cotidiana e de apreendê-la é considerado por mim normal e evidente, isto é, constitui minha atitude natural. (2001, p. 38)

A condição de existência do indivíduo no mundo da vida cotidiana se dá num processo de interação e comunicação com os outros. Desta forma, podemos compreender que a interação entre os indivíduos, mediada pelo computador, ocasiona um processo de percepção do que apreendemos do outro diante da participação em redes sociais. Segundo Schutz:

Não poderíamos ser pessoas para os outros e nem mesmo para nós próprios se não pudéssemos encontrar com os outros um ambiente comum como contrapartida intencional de nossas vidas conscientes. Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, se fundamenta no fato de que os sujeitos motivam-se reciprocamente em suas atividades espirituais. Assim originam-se os relacionamentos de compreensão mútua (*Wechselverständnis*) e o consentimento (*Einverständnis*), e

consequentemente, um *ambiente comum de comunicação*. (1979, p. 161)
(grifos do autor)

É um processo de consciência de alguma coisa e a intencionalidade é este direcionamento da consciência a um objeto e às ações que estes provocam. Num ambiente comunicacional as pessoas não são referidas como objetos, mas como contra-sujeitos que participam de uma mesma comunidade social. A intencionalidade aqui se procede de forma a direcionar a consciência para a interação, o sujeito tem consciência do outro, e assim pode constituir uma socialidade através dos atos comunicativos nos quais um indivíduo se volta para o seu próximo.

A essência das redes sociais na internet pode ser estudada através dos fenômenos de interação entre os indivíduos em comunidades virtuais no ciberespaço. Essa interação, se observada a partir da ótica da teoria pós-moderna que inaugura uma forma de solidariedade social, não contratual, mas elaborada a partir de um processo de emoções, repulsões, atrações e paixões. As relações são mais espontâneas e realizadas a partir da vontade dos indivíduos. A ética, que agrega o grupo, se transforma em estética, torna-se emoção, enaltece o comum. O laço social torna-se emocional, caracteriza-se pela ordem da proximidade.

Assim, podemos observar que os fenômenos que cercam a interação entre os indivíduos em comunidades virtuais são da ordem dos significados e das experiências vividas pelos sujeitos que fazem parte do grupo. Os relacionamentos interativos resultam de processos intersubjetivos expressos nas “relações dos Nós”.

A interação social envolve a ação social de pelo menos duas pessoas que se orientam uma em relação à outra. E viver no mundo da vida cotidiana, em geral, significa viver em envolvimento interativo com muitas pessoas, em complexas redes de relacionamentos sociais. (WAGNER, 1979, p. 31-32)

Nesse sentido buscaremos observar como estas experiências do mundo da vida cotidiana podem ser apresentadas no ciberespaço em sites que possibilitam a potencialização de relações sociais na internet.

Twitter e a troca de experiências na Rede

O Twitter³ é um serviço de microblog que permite aos indivíduos publicar e trocar mensagens através de *tweets* (mensagens produzidas pelo usuário). O limite máximo de caracteres disponibilizado é de 140, proporcionando aos usuários postarem apenas mensagens curtas. O microblog se caracteriza pelo uso do *@nickname*⁴ dos usuários que serve para identificá-los, bem como serve para demonstrar que há uma conversação entre dois indivíduos. No Twitter é possível “seguir” pessoas e também ser “seguido” por elas, e assim, na página de cada usuário aparecerão as mensagens que cada indivíduo postou.

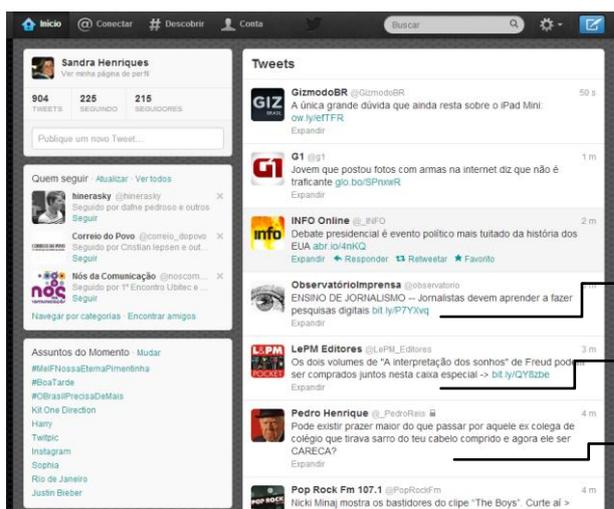


Figura 1: Página de usuário no Twitter



Figura 2: Exemplo de *Tweet*

Para postar mensagens, o usuário possui uma caixa de texto com uma pergunta “what’s happening?” (o que está acontecendo?), a qual possibilita a inserção de conteúdo, seja este informativo, opinativo ou um diário no qual os indivíduos colocam suas ações cotidianas, contam suas experiências vividas no dia-a-dia. É com esta última apropriação que iremos nos envolver neste trabalho, buscando salientar os aspectos da

³ <http://www.twitter.com>

⁴ É um apelido criado pelos usuários para representar sua identidade em sites e redes sociais na internet.

utilização desta plataforma pelos indivíduos, como forma de construir um referencial de suas experiências num ambiente onde estas possam ser observadas por outras pessoas.

Para fazer parte do Twitter, é necessário que o indivíduo crie um perfil, com seus dados de identificação. “O perfil dos usuários permite também personalizações diversas, como mudar a imagem de fundo, as cores, e preencher dados, tornando o espaço de representação do “eu” semelhante a páginas pessoais.” (RECUERO e ZAGO, 2009, p. 3)

Sendo um microblog, o Twitter adquire algumas características dos blogs, pois são plataformas que tornam visíveis as experiências cotidianas nas quais os indivíduos desejam compartilhar com os outros. Embora, ambos – Twitter e Blog – já possuam novas apropriações pelos sujeitos, suas características fundamentais permeiam as questões relacionadas à formação de um espaço público com as percepções, opiniões e experiências subjetivas dos indivíduos. É “uma passagem quase direta daquilo que é do domínio da “intimidade” para o domínio público”. (MÁXIMO, 2007, p. 28).

Nesse aspecto, podemos compreender que alguns fatores podem impulsionar os indivíduos a publicar suas experiências no ciberespaço. Podemos observá-los a partir da teoria da motivação de Schutz (WAGNER, 1979), que nos mostra que há um duplo caráter nas motivações dos indivíduos. Os sujeitos agem em função de motivações dirigidas a objetivos que apontam para o futuro, são os “motivos a fim de”, sendo estes totalmente subjetivos. Quando um indivíduo se dirige a outro, espera provocar neste uma certa ação, esperando uma reação do indivíduo a quem se reportou. Já os “motivos por que” o indivíduo age em relação a outro não são conscientes, só poderão ser compreendidos numa reflexão individual. Neste processo o sujeito busca suas experiências vividas, o que pode ou não ocorrer durante a interação. A compreensão mútua se dá quando ocorre a reciprocidade dos motivos:

(...) a reação desejada e esperada do outro é o “motivo a fim de” do primeiro ator. Se o outro compreende essa intenção e responde, o “motivo a fim de” de quem iniciou a interação torna-se o “motivo por que” de quem reage. (...) Assim, tendo estabelecido um “motivo a fim de” para si, ele dá à primeira pessoa um “motivo por que”. (WAGNER, 1979, p. 34)

Assim como nas iterações face a face, no Twitter também podemos perceber a teoria de Schütz.



Podemos perceber no trecho retirado do Twitter, que inicialmente há um relato da experiência do indivíduo acerca de determinado assunto. No decorrer da figura observamos que se forma um diálogo entre as pessoas. Neste exemplo podemos observar que há um vínculo social que impulsiona a interação, e esta, mediada pelo computador, mostra que as relações sociais no mundo da vida cotidiana dos indivíduos também estão relacionadas às interações no ciberespaço.

Estas relações são mais espontâneas e realizadas a partir da vontade dos indivíduos. Assim, observamos que o computador é o objeto que determina a maneira da interação, modificando o processo interativo - ele deixa de ser realizado face a face passando a ser mediado pelo computador - porém não se trata aqui de observar as relações a partir do objeto, e sim da intenção que move as pessoas durante a interação.

É possível perceber que a mensagem de A, impulsiona em B os “motivos por que” passar a interagir, pelos quais o indivíduo B foi impulsionado a participar de um diálogo. Isto se observa no relato de experiências que são trocadas durante a interação. Trata-se de um evento narrativo convidando os outros indivíduos à participação, “implicando na manutenção dos vínculos e com o interesse na aliança e comunhão.” (MÁXIMO, 2007, p. 39)

Considerações finais

Como observamos as redes sociais na internet já fazem parte do mundo da vida cotidiana dos indivíduos em nossa sociedade atual. O Twitter é mais uma página que permite a publicação de mensagens e proporciona a interação social. Buscamos mostrar através desta ferramenta digital, que novas formas de trocas sociais são possíveis através da mediação de computadores, que servem para construir ou fortificar novos laços sociais e criar novos espaços públicos de publicação das intimidades dos indivíduos.

Desta forma, podemos observar que o mundo da vida cotidiana também se constitui num espaço virtual, no ciberespaço. Este serve como potencializador das relações humanas em nossa sociedade. As experiências narradas pelos indivíduos são compartilhadas com aqueles que o “seguem”, que desejam estar sempre atualizados com as mensagens que o indivíduo publica no Twitter. É uma nova forma de interação social que se desenvolve a partir da vontade dos sujeitos. Não existem normas ou regras que o induzam a interagir, assim como não há um contrato que determine o tempo da interação, o tempo no qual o indivíduo tenha que estar “seguindo” as mensagens do outro. O que constitui esse processo é a vontade, a expectativa em saber das experiências, das opiniões, das informações que os sujeitos possam compartilhar.

Estes fenômenos fazem parte da sociedade atual quase que de forma imperceptível. Nosso ponto central fundamentou-se em refletir sobre as possibilidades de observação dos fenômenos sociais partindo da intuição de como os indivíduos interagem a partir de uma ótica, que não buscou apenas abranger os processos relacionados entre os sujeitos em redes sociais, mas também buscamos compreender como o ser humano age em agrupamentos a partir de sua consciência em relação aos fenômenos cotidianos.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Editora Vozes. Petrópolis, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2006.

JORON, Phillipe; LAURENS, Jean-Paul. **Seminário V: Imaginário, Conhecimento e Comunicação**. PUCRS, Porto Alegre, 21-25 de setembro de 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: Introdução à sociologia compreensiva**. Editora Sulina. Porto Alegre, RS. 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2000.

MÁXIMO, Maria Elisa. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico dos blogs. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2007.

RECUERO, Raquel da C. **Memes em weblogs: Proposta de Taxonomia**. 2006. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/1969/1785> Acesso em 12/05/2009

RECUERO, Raquel da C. **Redes sociais na internet**. Editora Sulina. Porto Alegre, 2009.

RECUERO, Raquel da C.; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam” redes sociais e capital social no Twitter**. 2009. Disponível em http://compos.org.br/data/biblioteca_1016.pdf. Acesso em 04/07/2009.

RHEINGOLD, Howard: **A comunidade virtual**. Editora Gradiva, Lisboa, 1993.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **The Structures of the Life-world**. Northwestern University Press, 1973.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Zahar Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2006.

WAGNER, Helmut. A abordagem fenomenológica da sociologia. In: **Fenomenologia e relações sociais**. SCHÜTZ, Alfred. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.